

PASOLINI E 68: O PCI AOS JOVENS!

Maria Betânia Amoroso

É quase obrigatório, quando se trata de *Pasolini e 1968*, citar o poema *O PCI aos jovens!*¹ O poema, para muitos, circula até hoje como o atestado da oposição radical de Pasolini ao Movimento Estudantil italiano. Entretanto, não é tão simples assim afirmar que Pasolini foi contrário às ações e as idéias que incendiaram Roma, colocando-a ao lado de outras capitais invadidas pela luta estudantil.

Nesse período, o autor italiano escrevia regularmente para o jornal *Tempo*, responsável por uma nova coluna intitulada “O Caos”. Sua colaboração com o jornal começa em agosto de 1968 e vai até janeiro de 1970. Na verdade, retomava a atividade jornalística depois de três anos, quando escrevera em outro periódico, *Vie Nuove*, onde mantinha a coluna “Diálogos com Pasolini”. Os títulos dados às colunas expressam o acirramento de suas dúvidas de modo particular no que dizia respeito à compreensão do mundo pelas novas gerações e sobre o diálogo possível entre gerações. Dos diálogos ao caos, portanto.

A leitura dos artigos publicados no *Tempo* entre 68 e 69 nos dão algumas pistas sobre o modo que Pasolini vivera as manifestações estudantis.

Em 21 de setembro de 1968, escrevia na sua coluna:

A Resistência e o Movimento Estudantil são as duas únicas experiências democrático-revolucionárias do povo italiano. Em torno delas, há silêncio e deserto: o indiferentismo, a degeneração estatista, as horrendas tradições saboiardas, bourbônicas, papais.” (Pasolini, 1982:56)

Em 9 de novembro, escreverá:

Quando observo, com amor ou aversão, com cumplicidade ou raiva etc etc, os estudantes do Movimento Estudantil, um sentimento é contínuo e seguro: a vontade de não querer me considerar pai deles. (Pasolini, 1982:70)

Num balanço, em outubro de 69 dirá:

Este não foi um ano glorioso para a nossa vida nacional, e nem mesmo internacional. Em troca de uma ida à lua, quantas regressões na terra! Foi um ano de restauração. A mais dolorosa constatação é o fim do Movimento Estudantil, se é que se pode falar de fim (mas espero que não). Na realidade, a novidade que os estudantes trouxeram ao mundo no ano passado (os novos aspectos e a substancial e dramática atualidade da luta de classes) continuou a atuar dentro de nós, homens maduros, não só durante este ano, mas já agora – acredito – por todo o resto de nossa vida. As injustas e fanáticas acusações de integração a nós dirigidas pelos estudantes eram, no fundo, justas e objetivas. E – naturalmente mal, com todo peso dos velhos pecados – buscaremos não mais esquecê-las. (Pasolini, 1982:193)

Na verdade, a história cronológica da produção e da circulação dessas “notas em verso para uma poesia em prosa”, - subtítulo do poema – que vão de março, quando se deu o episódio da ocupação da universidade, até junho de 68 e os efeitos de leituras feitas posteriormente, ao longo desses 40 anos, é extremamente rica e repleta de significados.

Pelo o que se sabe o poema foi escrito em março de 68, portanto no momento da invasão da universidade de Roma pelos estudantes que foram reprimidos pelos policiais. Pelo o que se sabe também Pasolini pensa em publicá-lo inicialmente numa revisita de cultura, de circulação restrita, a *Nuovi Argomenti*, onde é efetivamente publicado no número de abril-junho de 68; em 16 de junho entretanto sai também numa revista semanal de enorme circulação, *l'Espresso*.

As diferenças entre as duas publicações estão refletidas nos diferentes tratamentos que são dados à matéria. O texto que circula através da *Nuovi Argomenti* traz o título *O PCI aos jovens!* e o subtítulo “*Notas em verso para uma poesia em prosa seguidas por uma Apologia*”. São publicadas também duas notas de rodapé, colocadas ao final de dois versos do poema, além da “Apologia” citada no subtítulo, que é um pequeno texto que segue o poema, uma nota, na qual Pasolini explicita algumas razões que o levaram a escrevê-lo. A esse conjunto de itens, segue ainda um pós-escrito, assinado por Pasolini, com mais razões, mais argumen-

tos. Além de Pasolini, a revista publica dois outros textos, de Alberto Moravia e de Enzo Siciliano, em direto debate, mas aqui fraternal, com o poema.

De abril até junho, jornais italianos passam a publicar artigos nos quais são destacados os versos mais clamorosos – aqueles sobre simpatizar com os policiais e odiar os estudantes. Pasolini reage, indigna-se com a repercussão que está sendo dada aos versos, escritos no calor da hora; e lembra que é *Teorema*, o filme que estava fazendo quando houve a invasão e escreveu os versos, o que ocupa seu pensamento. Quando sai o poema no *Espresso* - sem notas, sem subtítulo, sem a Apologia, sem o pós-escrito - portanto a polêmica já estava criada.

Não teria espaço para reproduzir aqui os desdobramentos do caso e nem os meandros das leituras do poema na Itália de 68, mas vou procurar apenas sugerir-lhes algumas interpretações mais marcantes que talvez ajudem a refletir sobre toda essa polêmica, não enquanto “caso político-literário” mas como debate vivido diante das câmeras sobre o papel do intelectual nesse momento histórico na Itália.

2. Algumas interpretações dadas ao poema são hoje parte de polêmicas não menos conhecidas, como a de Pasolini com Franco Fortini, amigo e interlocutor na vida política e literária. Com a publicação do poema no *Espresso* Fortini rompe com o poeta definitivamente. Mas vamos aos fatos.

Fortini conta que no final de maio de 68, a redação romana do *Espresso*, o convidara (morava em Milão) para participar de uma mesa-redonda sobre o poema de Pasolini contra os estudantes. Fortini prepara um texto, se dirige à Roma, mas decide não participar da mesa-redonda, e lê em particular, numa sala da redação, o que escrevera para Pasolini. Conta que conversaram longamente depois da leitura.

O texto de Fortini começa assim:

Este artigo do Pravda escrito por Amendola e assinado por Pasolini não me surpreendeu. Nos últimos 10 anos não mantive muitas ilusões sobre a sua capacidade de compreensão política. Para você a luta de classes foi quase sempre

exclusivamente a luta dos pobres contra os ricos, e as relações entre burguesia e proletariado, somente o conhecido conflito entre a racionalidade e a irracionalidade. Quando o subdesenvolvimento italiano ainda iludia, tua poesia foi a poesia daquela ilusão. Depois, quando a realidade começou a te escapar e você a perseguiu-la como um avião que quer se afastar com a velocidade da terra para permanecer sempre junto ao sol, você passou a procurar pelo proletariado, ou melhor, pelos pobres e sua beleza, fora da Europa, na Ásia e na África, e também nos Estados Unidos (...) Desde que a opressão assumiu novas formas, passou a não entender mais nada. Ainda pode fazer elegia, mas perdeu o direito ao pensamento, porque na verdade nunca soube o que é o dever.” (Fortini, 1993:38-39)

No final do texto, somente publicado em 1977, quando Pasolini já havia morrido, Fortini acrescentou uma observação:

“Quando li essas notas para Pier Paolo, sentado a minha frente...não poderia saber que o via pela última vez. Eu estava realmente exasperado por conta do seu comportamento; bem mais que o texto a favor dos policiais, era insuportável para mim que aceitasse a exploração publicitária, e a inevitável transformação daquele seu texto em propaganda vulgar. Eram os últimos dias de maio ou os primeiros de junho (...).

Enquanto eu falava com Pasolini, em Paris, a polícia matava um estudante. De noite, em Milão, ocorria uma grande batalha de manifestante nas proximidades do Corriere della Sera. Na manhã seguinte, um sábado, liguei para Pier Paolo. Persuadi-o a não dar mais atenção ao Espresso que continuava insistindo para que gravasse uma entrevista. Ele me prometeu que não gravaria. Fui para Milão. Naquela mesma tarde, a redação conseguiu encontrá-lo, gravar a entrevista, dar uma arranjada no texto e publicá-lo”. (Fortini, 1993:42-43)

Quando a revista pede novamente a Fortini que diga alguma coisa, após a publicação do poema, ele escreve uma nota extremamente dura e violenta, rompe com a amizade que durara toda uma vida, voltando a escrever sobre Pasolini somente em 1993². Oportunisticamente, aproveitando o escândalo até suas últimas possibilidades, a revista volta ao assunto em 23 de junho, com uma matéria de título: *As cinzas de Pasolini*.

Essa compreensão do poema e da situação de Pasolini frente aos eventos de 68, sintetizada aqui nas palavras de Fortini e muito próximas a de outros importantes intelectuais, identificados, de modo mais ou menos efetivo, tanto com o Partido Comunista como com os Movimentos extraparlamentares da extrema-esquerda italiana, não é a única. É contraposta à daqueles que encontraram outro caráter para o texto. Ressaltando que o poema tinha como público ideal os poucos leitores de uma revista de linha editorial conhecida, essa outra leitura pauta-se muito mais pelo efeito produzido pela leitura do *O PCI aos jovens!* integrado à *Apologia* que vinha logo em seguida aos versos em prosa. Reproduzo aqui apenas um trecho da *Apologia* :

A burguesia está triunfando, está, por um lado, tornando burgueses os operários, por outro, os camponeses. Em poucas palavras, através do neo-capitalismo, a burguesia está se tornando a condição humana. Quem nasceu nessa entropia, não pode de modo algum, metafisicamente, estar fora dela. Por isso provoco os jovens: eles são presumivelmente a última geração que terá visto operários e camponeses. A próxima geração não terá ao seu redor nada além da entropia burguesa. (Pasolini, 1999:1448)

Ainda sob ecos da polêmica produzidos pelo poema *O PCI aos jovens!*, mas bem mais recentemente, Walter Siti – romancista, crítico e organizador da obra completa de Pasolini a partir de 2000 – ao se referir ao efeito bombástico produzido pela circulação do poema no auge das lutas estudantis, nos lembra que em 1966 Pasolini havia estado em Nova Iorque e tinha conhecido a New Left americana. Volta para a Itália muito entusiasmado com essa nova expressão da política, talvez uma alternativa para os velhos preceitos do tão amado quanto odiado Partido Comunista. Parte então da idéia que em uma situação como a do capitalismo avançado, pedir pela aplicação radical da democracia, lutar por uma democracia direta, *democracia real*, por uma democracia participativa – mas muito distante da socialdemocracia, frisa sempre Pasolini - poderia trazer em si algo de revolucionário. Siti nos lembra que o próprio Pasolini participou da ocupação da Mostra de Cinema de Veneza em 68 e que foi um dos grandes defensores da auto-gestão para a mostra.

Assim, é possível compreender *O PCI aos jovens!* como uma grande provocação aos estudantes, proposta não por um igual a eles, mas por um intelectual maduro que já tivera a sua experiência histórica revolucionária – a mesma de Fortini – e que só como pai poderia falar a esses jovens.

O perigo da *entropia burguesa* era eminente mas ainda reconhecido por poucos da sua geração, que irão precisar da queda do muro de Berlim e do fim do socialismo de estado para admitir que o diagnóstico de Pasolini era no mínimo esclarecedor.

O que não deixa de ser surpreendente é como de tempos em tempos a polêmica sobre o poema *O PCI aos jovens* é reacesa e como traz sempre, na sua implícita controvérsia, anotações sobre o tempo e sobre o capitalismo.

Em 1998, durante as comemorações dos 30 anos do maio de 68, os jornais italianos registraram uma nova polêmica. Giuliano Ferrara, diretor do jornal italiano *Il Foglio*, nascido e criado em meio ao ambiente comunista mas atualmente identificado com as idéias do neo-liberalismo globalizante, ao comentar o maio de 68 italiano e o indefectível poema de Pasolini, afirma:

A posição de Pasolini – [o poema] – não nasceu da solidariedade com os policiais. Sua condenação dos estudantes não tinha nada de poético. Pasolini simplesmente vendo o que estava acontecendo na França, onde os jovens passavam rasteiras na *intelligenza* de esquerda, de modo astuto, procurou se opor a uma geração ambiciosa que iria lhe roubar a cena.

Para além do que aconteceu na universidade, aquele movimento não pode ser explicado através de uma visão de um intelectual provinciano, tacanha e muito pouco internacional. 68 foi um fenômeno do mundo inteiro, de Roma a Berlim, de São Francisco a Madri. Foi a manifestação de uma nova classe dirigente que se sentia pouco à vontade na velha roupa. Nos éramos os primeiros da classe, nada a ver, sem querer ofender, com os pobretões de 77.³

Sintetizando as vias abertas pela polêmica e suas atualizações, diria que Fortini acusa o amigo Pasolini de ceder ao *Espresso*, tornando-se vítima da manipulação da imprensa. Contudo, embora Fortini, teoricamente muito mais preparado, com extensa reflexão sobre o que restava do velho papel do intelectual orgânico, é ainda hoje o poema de Pasolini e a figura controversa desse intelectual que nos inspiram porque falam do olho do furação, marcando uma presença de um intelectual ainda iluminista e a com a paixão de quem não trai seus sentimentos, como dizia ele, porque os sentimentos são históricos.

Por outro lado, Ferrara, ao retomar o tema, traduz nas suas cínicas palavras o que Pasolini intuiu como o risco maior para aqueles jovens: maior de 1968 não como indicativo de uma revolução, mas como a reforma ao interno da burguesia para melhor acompanhar o neo-capitalismo na sua necessidade de novos dirigentes.

Resta também o poema. Que a cada leitura reativa a força das contradições ali presentes. O que não é pouco.

Notas

¹ A tradução completa do título do poema é: *O PCI aos jovens! (Notas em verso para uma poesia em prosa seguidas por uma 'Apologia')*. Cf. Pasolini, 1972: 151-159 e Pasolini, 1999: 1440-1450. Sobre o desenrolar da polêmica cf. Pasolini 1999: 2957-2961.

² Em 1993 Fortini publica *Attraverso Pasolini*, coletânea de textos que escrevera sobre Pasolini de 1952 até 1992, os quais acabam por contar, *através de Pasolini*, a história social da Itália do período posterior à guerra até o advento do neo-capitalismo.

³ Citado em <http://www.pasolini.net/ideologia_ferrara-siciliano.htm>

Referências bibliográficas

FORTINI, F. *Attraverso Pasolini*. Turim: Einaudi, 1993.

PASOLINI, P.P. *Empirismo eretico*. Milão: Garzanti. Hoje em PASOLINI, 1999.

_____. *Diálogos com Pier Paolo Pasolini. Escritos 1957-1984*. Trad. Nordana Benetazzo. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro/ Nova Stella, 1986.

_____. *Saggi sulla letteratura e sull'arte*. v.1. (a cura di W. Siti e S. De Laude). Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1999.